



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

REYVEILSON DA SILVA E SILVA

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE ALUNOS DAS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA EMEF PADRE JOSÉ
DE ANCHIETA, ITAITUBA-PA**

ITAITUBA-PA

2020

REYVEILSON DA SILVA E SILVA

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE ALUNOS DAS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA EMEF PADRE JOSÉ
DE ANCHIETA, ITAITUBA-PA**

Monografia de Graduação do curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia apresentada à Faculdade de Itaituba para obtenção do
título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Lúcia Maria da Costa Cruz.

ITAITUBA-PA

2020

SILVA, Reyveilson da Silva.

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA EMEF PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, ITAITUBA-PA, CLPL da FAI, 2020.

59 fhs.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba-PA, 2020.

Orientadora: Prof^a. Lúcia Maria da Costa Cruz, Esp.

1. NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS. Educação I. CRUZ. Lúcia. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-Pará, 2020

REYVEILSON DA SILVA E SILVA

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE ALUNOS DAS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA EMEF PADRE JOSÉ
DE ANCHIETA, ITAITUBA-PA**

Monografia de Graduação do curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia apresentada à Faculdade de Itaituba para obtenção do
título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Lúcia Maria da Costa Cruz.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____
Prof^a. Lúcia Maria da Costa Cruz.

Avaliador 01: _____ Nota: _____
Prof^a. Margarete Ferreira Aguiar

Avaliador 02: _____ Nota: _____
Prof^a. Raquel Peres Rocha, Ma.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 20 de Março de 2020

À minha família, cuja força e apoio é o que me motiva a
continuar lutando todos os dias

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar mais um ciclo da minha vida, com uma conquista marcada de muitos esforços e aprendizados, não posso me considerar vencedor sozinho, pois outras pessoas também fizeram parte desta trajetória, me ajudando a superar os obstáculos e aprender com eles;

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar todas as dificuldades ao longo do curso:

Aos meus pais, Raimunda Ferreira da Silva e Raimundo Barros da Silva, responsáveis pela minha formação como indivíduo, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Nada me faz mais feliz em poder lhes dar a alegria de ter um dos filhos com ensino superior. Esta conquista é para vocês;

Ao meu irmão, Ronylson da Silva e Silva, o melhor irmão que alguém poderia ter, obrigado pelo companheirismo e apoio.

A minha orientadora Prof. Lúcia Maria da Costa Cruz pelo suporte, disponibilidade e incentivos;

Ao corpo docente da Instituição, que auxiliou nesta caminhada, em especial a Prof. Antonia Vanda dos Santos, que me aconselhou em momentos difíceis, e ao Prof. Dr. Francisco Claudio de Sousa Silva, pelo exemplo de Profissional e de humildade, o qual sempre o terei como grande exemplo de educador;

Aos professores de escolas públicas, colaboradores dessa pesquisa. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu "Muito Obrigado"!

É necessário ensinar à criança a escrever sobre o que lhe interessa fortemente e sobre o que ela pensou muito e profundamente, e conhece bem. Deve ensinar-se à criança a não escrever sobre o que não sabe, não compreendeu ou não está interessada.

(VYGOTSKY, 2012, p. 80)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo promover uma reflexão sobre as narrativas autobiográficas de crianças das séries iniciais do ensino fundamental, explorando mais a fundo sobre a relevância da utilização das narrativas autobiográficas como meio de aprimorar o processo de ensino aprendizagem dos alunos. Ademais, o estudo procurou estabelecer uma reflexão sobre o tema no âmbito escolar, no aprendizado do discente, possibilitando o professor exercer o papel de articulador diante das narrativas dos alunos, com uma perspectiva que busca ver a infância e considerando a evolução da criança, reconhecendo-a como ser capaz de refletir ao narrar suas experiências e, dessa forma, expor informações importantes sobre a escola e sobre ela mesma enquanto sujeito. A pesquisa, constitui-se uma pesquisa bibliográfica, na qual percorreu-se sobre a temática das Narrativas Autobiográficas de Crianças. Fundamentou-se em autores que abordam o assunto como: PASSEGI (2010); MATTA (2004); MACEDO SPERB (2007), VASCONCELOS (2016) LEJEUNE (2008), dentre outros. A pesquisa de campo caracteriza-se como sendo uma abordagem metodológica qualitativa e exploratória. As questões que nortearam a elaboração desta, foram as seguintes: Qual a importância das Narrativas Autobiográficas para a educação? Como as narrativas de crianças podem contribuir para novas ações educacionais no Ensino Fundamental? Qual o olhar das crianças sobre a escola e o processo educacional? Foi possível analisar a maneira que ele (o aluno) vai construindo suas experiências no processo escolar e de como vai descobrir seu pertencimento à escola.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas autobiográficas. Educação. Experiências.

ABSTRACT

This Course Completion Work aimed to promote a reflection on the autobiographical narratives of children in the initial grades of elementary school, exploring further about the relevance of using autobiographical narratives as a means of improving the teaching-learning process of students. Ademias, the study sought to establish a reflection on the theme in the school context, in the student's learning, enabling the teacher to exercise the role of articulator before the students' narratives, with a perspective that seeks to see childhood and considering the child's evolution, recognizing how to be able to reflect when narrating their experiences and, in this way, expose important information about the school and about itself as a subject. The research constitutes a bibliographic research, in which the theme of the Autobiographical Narratives of Children was discussed. It was based on authors who approach the subject as: PASSEGI (2010); MATTA (2004); MACEDO SPERB (2007), VASCONCELOS (2016) LEJEUNE (2008), among others. Field research is characterized as a qualitative and exploratory methodological approach. The questions that guided the elaboration of this, were the following: What is the importance of Autobiographical Narratives for education? How can children's narratives contribute to new educational actions in elementary school? What is the children's view of the school and the educational process? It was possible to analyze the way he (the student) builds his experiences in the school process and how he will discover his belonging to the school.

KEYWORDS: Autobiographical narratives. Education. Experiences.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Percepção sobre a escola.....	42
QUADRO 02	O que se faz na escola.....	44
QUADRO 03	As funções da escola.....	46
QUADRO 04	A relação professor/aluno.....	48
QUADRO 05	Afinidade com a prática de estudar.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CONCEPÇÃO HISTÓRICA DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS	13
1.1 CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS.....	13
1.2 AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NUMA PERSPECTIVA TEÓRICA	15
1.3 AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	18
1.4 AS EXPERIÊNCIA NA INFÂNCIA.....	21
2 A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	26
2.1 A ESCOLA COMO AMBIENTE FACILITADOR	26
2.2 AS NARRATIVAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	28
2.3 O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DOS ALUNOS	31
3 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DENSINO FUNDAMENTAL DA EMEF PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, ITAITUBA.....	36
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA DE ESTUDO	37
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA	41
3.4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS	41
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES.....	50
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICE.....	59

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como temática as Narrativas Autobiográficas de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental da EMEF Padre José de Anchieta, Itatuba-PA e tem como objetivo principal promover uma reflexão sobre as narrativas autobiográficas de crianças das séries iniciais do ensino fundamental, explorando mais a fundo sobre a relevância da utilização das narrativas autobiográficas como meio de aprimorar o processo de ensino aprendizagem dos alunos.

Percebe-se que atualmente, os métodos de ensino vêm se diversificando e inovando-se, contudo, é necessária uma visão mais cuidadosa quando referem-se à história de vida de cada aluno, e de como esta pode contribuir no processo educacional deste.

Nesse contexto, é importante compreender que a sala de aula oferece desafios diários tanto para os professores quanto para os alunos, e é preciso observar os métodos que esses professores utilizam em suas aulas para proporcionar ao aluno meios em que ele possa alcançar conhecimento de mundo e de si mesmo.

Desse modo, ao se analisar a importância das narrativas no contexto escolar, é possível perceber que a instituição precisa estar constantemente adotando métodos que possibilitem a mediação eficiente das narrativas. Logo, é necessário acompanhar as propostas educacionais que vão surgindo no decorrer da caminhada pedagógica. Desse modo, este propõe a escola a se adequar as necessidades de uma sociedade de acordo com a sua conjuntura atual.

A pesquisa, constitui-se uma pesquisa bibliográfica, na qual discorreu-se sobre a temática das Narrativas Autobiográficas de Crianças. Fundamentou-se em autores que abordam assunto como: PASSEGI (2010); MATTA (2004). MACEDO-SPERB (2007); VASCONCELOS (2016) LEJEUNE (2008), dentre outros. A pesquisa de campo caracteriza-se como sendo uma abordagem metodológica qualitativa e exploratória.

As questões que nortearam a elaboração desta, foram as seguintes: Qual a importância das Narrativas Autobiográficas para a educação? Como as

narrativas de crianças podem contribuir para novas ações educacionais no Ensino Fundamental? Qual o olhar das crianças sobre a escola e o processo educacional?

Entende-se que as histórias sobre o sujeito são além de uma tentativa de comunicar e externar as experiências individuais, são métodos que tornam possível a compreensão da vida e do próprio ser. A estruturação da experiência ocorre, de acordo com os autores, por conta da habitualidade das formas de contar o que se viveu, são essas formas que determinam e organizam o contexto necessário para que o sujeito possa dizer de suas experiências vividas.

Para esta pesquisa foi dada uma atenção mais firme sobre as narrativas das crianças, levando em conta todo o esforço destas na construção de histórias, focando a estrutura e seu significado social, considerando que, contar histórias, trata-se de um fenômeno social, uma experiência pedagógica, que ocupa significativo espaço nas escolas e em diversos outros ambientes.

Com perguntas simples, elas conseguem recriar de maneira natural no seu cotidiano, seja brincando, conversando, quando discutem sobre determinada disciplina em sala de aula, ao associar os conteúdos que se apresentem semelhanças entre si, ou até mesmo se estiverem participando de alguma pesquisa. Nessa perspectiva, as narrativas autobiográficas desenvolvidas no campo educacional, ganham relevância a nível pedagógico, pois os professores utilizam-se da observação da criança, das suas necessidades e objetivos, para a elaboração da ação educativa.

Desse modo, no primeiro capítulo foi abordado a questão das concepções históricas e teóricas das Narrativas Autobiográficas, além de evidenciar aspectos destas na infância, foco desta pesquisa; Por sua vez, no segundo capítulo, abordou-se sobre as Narrativas Autobiográficas nas práticas Pedagógicas, enfatizando sua importância para ações educativas, E. por fim, no Terceiro Capítulo, discorreu-se sobre a pesquisa de Campo na EMEF Padre José de Anchieta, Procedimentos Metodológicos, Análise e Discussão dos Dados.

1 CONCEPÇÃO HISTÓRICA DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

1.1 CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Ao se falar de autobiografia, é possível que o nome que mais tenha relação com o tema seja o de Philippe Lejeune (2008), que em sua obra "O pacto autobiográfico - de Rousseau à internet" questiona a ideia do gênero e de seus principais aspectos. O autor diz que, ao se colocar na posição do leitor, torna a tarefa de definir o que é autobiografia mais viável, de modo que assim, seja possível observar as particularidades dos textos, comparando e relacionando diferentes obras e definindo-as como autobiográficas. Dessa forma, em definição é "uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa faz de sua própria existência, quando focaliza a sua história individual, em particular a história de sua personalidade." (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Lejeune não considera-se o pai da autobiografia, pois isso implicaria que ele a tenha criado. O autor prefere ser tratado como o filho, pois ele não apenas propôs uma definição baseada no que havia nos dicionários, mas constatou.

Portanto, com destaque na autorreferencialidade, é uma definição relativamente simples, pois é essencial que o indivíduo fale de si, não de maneira brusca, mas que retrate o íntimo. Neste caso, o autor e o leitor constituem a mesma pessoa, nesta ótica, Camasmie comenta que:

Para que uma narrativa possa se dar, é necessário que haja um espectador e um ator. Quando se trata da narrativa da própria biografia, essas figuras aparecem reunidas num só homem. Assim, quando o homem é narrador, é espectador da sua própria vida, ao mesmo tempo em que é ator na relação com aqueles os quais ouvem o contar da sua história. Aqui já fica claro que o narrador não tem a possibilidade de ser neutro, muito pelo contrário, sua narrativa tem sua marca singular. É importante que seja assim, pois através dela revela-se o modo de ser do narrador, que é ao mesmo tempo, o ator daquela história vivida (CAMASMIE, 2007, p. 48).

De acordo com a autora acima citada, a maneira de como o narrador expõe o seu eu, se dá de forma única, impossível de ser copiada, pois uma história não pode ser contada do mesmo modo. Em sua obra, Lejeune (2008) afirma que o autor precisa ter controle sobre o seu texto, assim como componentes que revelem a sua identidade. Para isso, o autor precisa ser analisado como pessoa e sua subjetividade intrinsecamente ligada ao ser.

Ao abordar a busca da identidade do autor na narrativa, Oliveira (2009) direciona um olhar para o processo da representatividade do eu. A autora ainda menciona que

O movimento de busca através da constante reinterpretação da própria história é eminentemente um processo de autoconhecimento e sendo assim, de saber. Busca-se a verdade da própria história. A intrínseca relação com a verdade faz com que, ao escrever uma autobiografia, o escritor esteja diante de uma constatação irrevogável a de ser histórico. Ao tentar resgatar-se enquanto unidade apresentasse como ser múltiplo, o outro (passado) que se transforma em si (presente) (OLIVEIRA 2009, p 111)

Esta relação descrita pela autora acima, evidencia a relevância da autobiografia na aquisição de uma identidade partindo da ideia do próprio autor. "não está em um primeiro nível a questão do verdadeiro ou do falso, mas a interpretação possível de cada momento vivido no momento em que se autobiografa". Oliveira (2009, p. 111). Assim, o autor se torna também espectador da sua obra, e segundo Camasmie (2007) o ponto de partida para se ter consciência do papel de espectador é a experiência, onde há uma observação e uma reflexão.

Pensar é um diálogo sem som porque ocorre entre mim e eu mesmo (o homem torna-se espectador da sua vida) Nesse instante, retira-se das atividades, sai do burburinho, da falação, e passa a assistir ao espetáculo do qual faz parte e assim pode tecer considerações sobre si (julgar). Ganha condições de compreender melhor o que se passa consigo ao retirar-se de cena na vida Pode inclusive inferir os caminhos que sou personagem irá trilhar, partindo do que se apresenta Pode ainda identificar os passos que deu para chegar até o momento, sem

negá-los ou justificá-los, mas apenas descreve-los, para enfim compreender (CAMASMIE, 2007, p 32)

De acordo com Lejeune (2008) é considerada uma autobiografia toda obra que contempla um conjunto de condições distribuídos em algumas categorias a forma da linguagem, se esta é uma narrativa e é em prosa; se o assunto tratado relata uma vida individual ou uma personalidade; a situação do autor bem como a identidade do autor como uma pessoa real, e do narrador, a posição do narrador, onde evidencia a identidade do narrador e do personagem principal e se possui perspectiva retrospectiva da narrativa. Dessa forma, ao falar de si, o autor cria um ambiente, no qual o espectador ajuíza toda a história, o que caracteriza a construção de uma identidade.

1.2 AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NUMA PERSPECTIVA TEÓRICA

Passeggi (2010) afirma que a todo momento o homem se autobiografa, o que torna uma ação espontânea do homem ao narrar a própria vida. Porém, a autora reitera que existe uma distância que separa a espontaneidade da ação e o ato proposital de escrever sobre si. Não é algo tão simples mostrar-se de maneira verdadeira, e isto implica alguns questionamentos pessoais, pois "a narrativa serve para justificar, mesmo o injustificável, e chegar com ela ao equilíbrio perdido. Contar a sua história significa, assim, dar forma ao que antes não tinha" Passeggi (2010, p. 123). O grande desafio, segundo Vicentine e Abrahão (2010), é dar conformidade e estrutura real a uma trajetória.

Narrar a própria vida é evidenciar laços entre o passado e o presente, este sempre aberto ao futuro, entre o sujeito consigo mesmo, com os outros, com a instituição e acontecimentos históricos. Nesse sentido, as (auto)biografias podem revelar as articulações mantidas pelos sujeitos com suas condições sociais, com o que crê, imagina e projeta. (VICENTINE, ABRAHÃO, 2010, p. 12).

Moura (2010) afirma que nosso jeito de ser e de pensar a vida, são resultados de nossas experiências vividas. Dessa forma, o indivíduo é um recorte do que vive, a síntese de suas escolhas, dos caminhos evitados e percorridos,

portanto o homem é incapaz de fugir do que ele é, são as histórias que o constroem continuamente. A autora aborda alguns aspectos da narrativa autobiográfica de forma temporal, objetivando o foco proposital da narrativa.

As narrativas autobiográficas se entrelaçam entre os tempos do presente com o passado; o que se passou responde ao que se vivencia no momento presente, mas, por outro lado, essa narrativa de um tempo passado configura-se a partir de uma (re) leitura que se realiza na subjetividade que carrego no tempo presente. O terceiro vértice da triangulação da temporalidade, o tempo futuro, paradoxalmente, já se inclui nas narrativas do presente, considerando que a partir da minha fala, quando me reporto ao passado, elaboro uma enunciação no presente com a qual intenciono formar uma imagem de mim para o outro, (MOURA, 2010, p. 112)

'Deste modo, esta relação da autobiografia com o presente e o passado, implica uma aproximação do próprio "eu" na construção da narrativa, para que este, possa ser percebido da maneira inicialmente proposta. "O eu é visto como um projeto reflexivo, pelo qual o indivíduo é responsável. Somos não o que somos, mas o que fazemos de nós mesmos." Giddens (1938, p. 74).

Refletir sobre a importância do reconhecimento do espectador em relação ao autor, torna-se algo quase inevitável. Afinal de contas, segundo Lejeune (2008) este seria o pacto autobiográfico, onde a história do autor seja o mais próximo do real possível, de maneira que não fique dúvidas acerca da veracidade dos fatos relatados.

Entende-se, portanto, que a disposição humana para narrar e criar histórias constitui uma das características biopsicossocial e cultural, inerentes ao humano e que ela se manifesta pela necessidade de dar sentido às experiências, de se comunicar e interagir consigo mesmo e com o mundo. De modo que, as relações construídas no ato de narrar entre os seres humanos, entre eles e o mundo, independentemente de ser ele um adulto, um jovem ou uma criança, se concretiza como um ato autopoiético, de reinvenção de si, concebendo-se e percebendo-se em auto(trans)formação pelo ato de narrar a própria experiência. (PASSEGGI, NASCIMENTO, RODRIGUES, 2017, p. 470)

Segundo Giddens (1938) uma autobiografia não se trata apenas de uma sequenciação dos eventos de outrora, mas uma oportunidade de acalantar o passado, pois em suas características, a autobiografia permite serenar a pessoa que fomos, e ao narrar uma época difícil e marcante, o sujeito conversa com a criança que foi no passado, procurando meios de confortá-la, entendê-la e cuidá-la.

O processo de retomar as primeiras experiências vivenciadas, é parte de uma ação, onde necessariamente se faz uma reflexão sobre a auto identidade, onde percebe-se que a mesma não se restringe somente as crises e momentos tristes da vida, mas em seus aspectos gerais, trata-se das atividades da sociedade e de como essas atividades contribuem na construção do pensamento do indivíduo.

O eu tem uma trajetória de desenvolvimento a partir do passado em direção ao futuro antecipado. O indivíduo apropria seu passado peneirando-o à luz do que antecipa como um futuro (organizado). A trajetória do eu tem uma coerência que deriva de uma consciência cognitiva das várias fases da vida. A vida, mais que os eventos no mundo exterior, se torna a "figura de fundo" dominante no sentido da Gestalt. Não que todos os eventos ou instituições exteriores sejam uma "mancha", contra a qual só a vida tem forma e é apanhada em claro relevo, mas esses eventos só entram na medida em que ofereçam apoio ao autodesenvolvimento, ponham obstáculos a superar ou sejam uma fonte de incertezas a enfrentar. GIDDENS (1938, p. 75),

Cury (2011) afirma que não se tem ciência do que a palavra "eu" significa, usando-a corriqueiramente, não se sabe a proporção das características de seus ofícios essenciais. Segundo o autor, o "eu" é o elemento central do indivíduo que constitui o todo, aquele que gerencia a mente, a necessidade real, aquilo que torna o indivíduo único, sua Identidade essencial e determinante, a capacidade da escolha do próprio destino. Lejeune (2008) contribui com esta ideia ao dizer que o autor deve ser imaginado como indivíduo notável, sobretudo, aquele que possui total domínio de sua obra, e principalmente dos componentes que reconhecem as suas características enquanto indivíduo, suas particularidades, aquilo que o torna único.

1.3 AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Muitos pesquisadores como Passegi (2010) Moraes (2010) Silva (2010) trazem em seus trabalhos as narrativas autobiográficas como instrumentos de pesquisa e investigação. De acordo com Passegi (2010, p. 106) "a partir dos anos 2000, observa-se nos estudos pós-graduados no Brasil, um movimento que vem contribuindo para a fundação da pesquisa (auto) biográfica em educação".

Moura (2010) pesquisadora no campo da linguagem, explora as narrativas autobiográficas como instrumento de pesquisa que evidenciam os aspectos de identidade e linguagem, observando a oralidade e letramento, com o objetivo de compreender a dinâmica da relação verbal dessas modalidades.

De acordo com a autora, a pesquisa autobiográfica levanta situações que trazem circunstâncias subjetivas interpõem no desenvolvimento sociolinguístico. A formação do leitor, a afinidade ou estranhamento com as línguas estrangeiras, a capacidade em comunicar-se coerentemente em situações onde seja preciso a utilização da língua estrangeira ou materna, a autossuficiência na produção de textos, dentre outras temáticas que circunda o indivíduo social que se firma através da linguagem, são exemplos disso.

É importante compreender essas Narrativas Autobiográficas como uma tendência transformadora na área educacional por se configurar em alternativa inovadora e eficiente por muitos pesquisadores renomados na prática pedagógica das últimas décadas.

[...]Geralmente é aceito pelos historiadores que a escrita de autobiografias (e também a de biografias) só se desenvolveu no período moderno. A maioria das que foram publicadas, é claro, são celebrações das vidas ou realizações de indivíduos importantes - são uma maneira de singularizar as experiências especiais de tais pessoas em relação à massa da população. Vista desse modo, ela parece uma característica periférica distintiva do indivíduo como um todo. E, no entanto, a autobiografia - particularmente no sentido amplo de uma auto-história interpretada, produzida pelo indivíduo em questão, seja escrita ou não está realmente no centro da auto-identidade na vida social moderna. Como qualquer outra narrativa formalizada, ela é algo

que deve ser trabalhado, e certamente demanda esforço criativo. GIDDENS (1938, p. 75).

As narrativas autobiográficas tornam-se instrumento de pesquisa também na formação de professores, considerada por alguns autores como Sampaio (2010) um método que contribui para a afirmação como sujeito produtor de conhecimento, com uma abordagem sobre os saberes e fazeres do cotidiano de professores através de narrativas orais e escritas. Bragança (2010) em sua tese de doutorado também desenvolve pesquisa acerca da formação de professores utilizando a narrativa autobiográfica, e diz que:

O movimento de aprofundar estudos nesse campo de pesquisa autobiográfica caminhou em diferentes direções e levou meu doutoramento na Universidade de Évora. O projeto e a vivência da pesquisa tomaram como problemática a busca de uma perspectiva de formação que contrapondo-se a racionalidade técnica, mobilize uma perspectiva sensível, incorporando a vida dos sujeitos em toda sua complexidade existencial, como componente fundamental do processo formativo. Nesse sentido, tomo as histórias de vida por meio das biografias educativas, como uma alternativa metodológica no processo de tematização da própria vida, como espaço/tempo de formação docente, fortalecendo o entrelaçamento entre os acontecimentos biográficos que se forma constituindo como experiências instituintes da formação e que vêm das memórias polifônicas da vida, das experiências docentes e da formação acadêmica. (BRAGANÇA, 2010. p. 151)

É na abordagem autobiográfica que a autora encontra o encanto das práticas sociais, de uma categoria de composições literárias que desperta no indivíduo o desejo de pensar a própria vida ao se deparar com a história de vida de outra pessoa, além do que se pode imaginar, toma-se uma incrível ferramenta em um viés teórico-metodológico, que direcionada ao campo educativo resgata os valores, aquilo que ficou para trás, ao reconhecer o devido valor do testemunho dos sujeitos da pesquisa, as histórias mais escondidas, que para a ciência da educação se reinventa num processo criador, onde as práticas de

investigação-formação assumem um papel crucial na tematização dessas histórias.

Segundo Passegi (2010, p. 116) "o uso das narrativas autobiográficas como prática de formação do adulto tem como corolário a formação do formador". É este o momento em que o formador evolui em todos os seus aspectos, evidenciando a relevância deste método de investigação e pesquisa, onde levantam-se questionamentos, que de fato, revelam a necessidade de se buscar meios eficientes de decifrar o que se deseja alcançar, e o campo de trabalho com as narrativas autobiográficas como uma ação educativa.

Os fatos narrados não são necessariamente a essência do que se busca, mas o que estes fatos revelam pela atividade narrativa, a sua propagação aos demais, e a maneira de como esses fatos são contados e recontados para a própria pessoa e para o outro, portanto, é uma variável da interpretação dos discursos narrados, onde a mente humana se expande, se ressignifica até o fim da vida.

[...] Trata-se de uma atividade prática, que pode ser exercida pelo formador, nas mais diversas áreas do conhecimento (saúde, educação, gerontologia, psicologia, sociologia clínica etc.), com o propósito de provocar mudanças desejáveis para a pessoa em formação desejadas pelo sujeito. A mediação biográfica não significa ingerência ou interferência. Por ser formativa, a intenção de formar(se) é guiada pelo coinvestimento do formador e de quem se forma. Ela se define, sobremaneira, pela noção de cuidado de respeito mútuo. e (PASSEGGI, 2008, p. 117)

As narrativas autobiográficas como método e fonte de pesquisa possui um direcionamento que sustenta-se sobre a história de vida do autor-narrador, considerando-o o elemento fundamental a ser observado, suas interações sociais em seu ambiente. "Ainda que existam muitas exceções e tendências contrárias, a vida social diária tende a se separar da natureza "original" e de uma variedade de experiências que dizem respeito a questões e dilemas existenciais.

* Giddens (1938, p. 15).

De acordo com Passegi (2010, p. 120) "O sujeito sofre as ações do meio no seu processo de socialização, inserção social, filiação a um grupo etc., mas,

ele se torna ao mesmo tempo, agente da ação capaz de intervir em seu meio para modifica-lo. " Dessa forma, entende-se que ocorra uma espécie de relação mútua, onde o sujeito, a partir de suas relações sociais, sofre mudanças na sua personificação, mas que este, também permite que o indivíduo possa direcionar essas mudanças, fazendo um filtro de suas experiências e absorvendo aquilo que deseja para si.

É nessa pegada metodológica que a autora acima direciona sua pesquisa, proporcionado ao público de sua pesquisa, uma oportunidade de viver as experiências da narrativa autobiográfica, que remete a três tempos do presente, onde o passado torna-se presente pela memória e o futuro pela previsão, pelos desejos e projetos que se abrem.

1.4 AS EXPERIÊNCIA NA INFÂNCIA

Existe um conhecimento popular sobre a experiência, que nos remete à ação e interação: brincadeiras, na relação afetiva, no trabalho, uma palestra, e mais uma quantidade de situações que nos marcaram em algum momento da vida. Bragança (2010) nos convida a uma reflexão sobre experiência relacionada a memória e a narrativa.

[...] a experiência, é o que nos mobiliza, o que nos toca, nos afeta e que, portanto, tem um potencial transformador, traz a marca de uma abertura polifônica por seus múltiplos sentidos de leituras. E são as experiências formadoras, na força do que nos atinge, que nos sobrevivem, nos derruba e transforma, inscritas nas memórias, que retornam pela narrativa, não como descrição, mas como recriação. reconstrução. (BRAGANÇA, 2010, p. 161)

Existem estudos que revelam que a infância já é passível de experiência muito mais cedo do que se possa imaginar. Cury (2010) em sua obra "A fascinante construção do eu afirma que a experiência ocorre até na fase fetal. exemplificando que, em uma situação de estresse, há uma contração no útero, onde o bebê já recebe este estímulo, sentindo o desconforto pela interrupção repentina do prazer, que passou pela barreira da placenta, ocasionado pelo fato de a mãe haver contraído a musculatura do útero.

Segundo Larrosa (2002) a experiência está totalmente ligada à interação com o sujeito, de modo que exista uma relação de contato direto, onde esse, provoca no indivíduo sensações oriundas do fato ocorrido. De acordo com o autor, tudo o que ocorre não pode ser considerado experiência, a menos que esse ocorrido tenha sido com o sujeito em questão. É o mesmo que dizer por exemplo, que quebrar um osso do corpo dói menos ou mais que um corte superficial, sem nunca ter quebrado um osso sequer. "A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Larrosa (2002, p. 21)

Ainda na ideia do autor acima, a experiência é cada vez mais rara, e o mesmo atribui este fator ao excesso de informações. Ele afirma que a informação não é experiência. Mas como assim? Bem, de acordo com o autor, a informação promove um ambiente negativo na aquisição de experiência, ou seja, nessa busca do saber (informação) o sujeito alcança um ambiente onde nada acontece.

Isso mesmo! Assistir uma aula, uma palestra ou um discurso não caracteriza experiência se elas não promoverem na pessoa, aspectos de mudanças, ainda que nessa aula ou palestra tenha-se aprendido algo novo, algo que não se sabia ainda, se não tocou a pessoa, se nada aconteceu depois desse contato com a informação, então não é experiência.

Matta (2004) evidencia que desde a mais tenra idade, a criança inicia uma aquisição de experiências, inclusive nos primeiros meses de vida ao começar perceber que, algumas pessoas mais próximas, representam mais importância que outras, ao se sentirem mais seguras e protegidas por estas pessoas. A autora afirma que:

Estas e outras particularidades, desde o início de vida, ditam que uma mesma experiência seja incorporada de forma diferente por diferentes indivíduos. Começa na infância a reconstrução de uma dada experiência, segundo as particularidades da pessoa específica e das coisas do mundo individual (MATTA, 2004, p. 74)

Dessa forma evidencia-se que a experiência acontece de maneira única diferenciando-se pelo nível de observação de indivíduo para indivíduo onde a subjetividade de cada um determinará a maneira como se deu a experiência. Diante de uma determinada situação onde vários sujeitos participam não há somente uma visão, cada um irá observar algo diferente, e são essas diferenças que enriquecem o processo. Entretanto, a visão comum e o julgamento de acontecimentos também não são algo anormal, considerando o contexto cultural de uma sociedade organizada, onde preceitos e comportamentos estejam pré-estabelecidos: "A vida em sociedade leva as pessoas a adquirirem suposições coletivas com respeito a regras a serem seguidas nas narrativas, e por essa razão, as histórias que aderem a essas regras são mais facilmente reconhecíveis e contáveis[] Macedo, Sperb (2007, p. 233).

Existem algumas perguntas que permeiam todo o processo sobre a experiência na infância, como por exemplo: A criança tem mesmo experiência de algo? Esta experiência vale a pena ser considerada? Bem, o portal de notícias G1, fez uma matéria sobre uma garotinha de 5 anos que havia sofrido abuso sexual. O abuso foi descoberto através de desenhos que a criança fez e que foram encontrados no meio dos pertences dela. Segundo a delegada que apurou o caso, na maioria das imagens haviam duas pessoas, uma delas estava rindo enquanto a outra chorando. Em uma das imagens havia uma pessoa que estava com o pênis ereto desenhos característicos de crianças que sofreram abuso sexual.

De acordo com as investigações, a criança começou a fazer as aulas em julho de 2015 e parou. Os pais insistiam para que ela voltasse, mas a menina afirmou que não queria retornar porque o tio João fazia bobagens com ela". Ainda segundo a polícia, o casal procurou por uma psicóloga e pelo pastor responsável pela igreja, que conversou com João da Silva e obteve a confissão dele. O homem, que tem formação em Letras, foi expulso e perdeu a função de pastor secundário. "Ela contou detalhes, dizendo que ele tirava a roupa dela e a colocava dentro de um berço, já que a sala era um berçário, e tirava a roupa dela, tocava nas partes íntimas dela e fazia sexo oral", afirma a delegada. A criança contou ainda que João da Silva trancava a porta da sala <http://g1.globo.com> acessado em 25/02/2020.

Com essa matéria feita pelo portal de notícias do globo G1, evidencia-se que as crianças são protagonistas de situações que a marcaram fortemente, tornando a narrativa um importante ferramenta na abordagem da história de vida da criança. Inconscientemente, a garotinha da matéria fez uma narrativa de algo que lhe tinha ocorrido, mesmo usando imagens, foi capaz de transmitir os fatos acontecidos, e de acordo com Larrosa (2002, p. 21) "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca."

Segundo Passeggi (2008, p. 123) os indivíduos produzem autobiografias até involuntariamente, e que estas vão fazendo rascunhos de si mesmas. Por que privilegiar as narrativas de crianças sobre a escola como objeto de estudo? Em primeiro lugar, é preciso levar a sério o esforço que elas fazem para compreender e explicar o que sentem, desejam ou não desejam. Em seguida, concordando com Larrosa (2010, p. 184), que a infância desestabiliza "a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento". Para Passeggi (2008, p. 123) "Desde a mais tenra idade, a criança faz uso das narrativas para rememorar seu dia, obter favores, perdão, carinho".

A autora salienta ainda que:

Todavia, para que os rascunhos de si se tornem visíveis aos olhos do seu autor, eles necessitam da mediação de instrumentos semióticos, para tomar corpo e se objetivar. A vida transformada em texto é passível de interpretações mais acuradas, pois é sobre o texto que se praticam, sem cessar, novas e permanentes exegeses (PASSEGGI 2008, p. 123)

Para Macedo e Sperb (2007, p. 234) "Decorre dessa perspectiva um interesse em compreender como emergem fenômenos qualitativamente novos no agir ou pensar da criança". Para os autores, o desenvolvimento da criança, desde o princípio, tem seu significado definido no contexto cultural que, ao estabelecerem modelos de criação e educação aos pais, conduzem o desenvolvimento da criança.

Vasconcelos (2016) faz algumas indagações acerca do tema, buscando esclarecer se a criança é capaz ou não de narrar sua história, e se esta merece ou não ser considerada.

A quem pertence uma experiência de vida? A experiência pertence a quem a discursiviza? O caso da experiência herdada sena exemplar disso? De que caminhos são feitos os atalhos para se chegar à história contada de alguém? São necessariamente atalhos? Não sei por que questioneei essa escolha, mas essa projeção de si, que desemboca numa história contida, me parece mais um longo caminho, sinuoso e complexo, cheio de encruzilhadas, do que a sorte de encontrar um atalho (VASCONCELOS, 2016, p. 586)

A autora diz que, questões singulares como estas sempre nos tocam, como interesses de pesquisa, e sempre nos deixam em meio a uma passagem estreita entre o conhecimento e o segredo. Projetar a si mesmo é algo instigante e prazeroso, pois remete-nos a buscar ressignificação para a história de nossas vidas de modo a entendermos nossas aspirações, conquistas e avanços de modo a dar uma nova roupagem àquilo que se viveu em determinada época.

Ou seja, o que antes se poderia viver de modo isolado, como apenas episódios pontuais de determinado período de nossas vidas, pode se transformar, por meio de narrativas, em elementos capazes de nos fazer perceber o que não seria possível entender sem esse relato contínuo por meio dessas histórias autobiográficas.

2 A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

2.1 A ESCOLA COMO AMBIENTE FACILITADOR

Tratar do processo de aprendizagem do educando não é uma tarefa fácil, pois o mesmo conta com diversos fatores que necessitam de análises e observações minuciosas. Por este motivo faz-se necessário discutir algumas teorias sobre a estrutura do aprendizado, as formas de linguagens, as dificuldades de aprender, os métodos e entre outros, elementos cruciais para uma melhor compreensão desta temática, ressaltando a participação da escola na busca por uma educação eficiente e pragmática.

Segundo a Constituição Federal de 1988 no Art. 205: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Com o direito garantido, é preciso adotar meios que possibilitem a melhor performance do processo educacional, não quer dizer que devem ser cultivados novos saberes e desconsiderar os que já fazem parte do educando, mas desenvolver as competências necessárias para que o sujeito possa construir por si só, de acordo com as suas relações socioculturais, a sua visão de mundo.

O que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que educandos, sejam crianças chegando à escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte. Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno do chamado outro mundo, sua religiosidade, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjuros.

Esse é, aliás, um dos temas fundamentais da etnociência, hoje, o de como evitar a dicotomia entre esses saberes, o popular e o erudito ou o de como compreender e experimentar a dialética entre o que Snyders chama "cultura primeira" e "cultura elaborada". (FREIRE, 1997, p. 44)

Nessa perspectiva, a educação integra as suas atribuições de educar e cuidar, considerando que os alunos passam maior parte do tempo com seus professores do que com os seus próprios responsáveis, pois precisam trabalhar o dia inteiro, onde algumas vezes, por conta da jornada de trabalho, são impossibilitados de levar os filhos para a escola, incumbindo esta tarefa a terceiros

A escola assume um papel fundamental na vida do aluno, em superar as dificuldades para estimular o interesse pelo aprendizado e para o pensamento. Com o objetivo de aprimorar o ensino e aprendizagem, a escola tem por sua função, proporcionar ao aluno, ferramentas que viabilizem sua caminhada acadêmica, que o ajudem na relação de vivência com o mundo contemporâneo, para poder formar a partir dessa relação, a sua identidade.

Todas as escolas do mundo deveriam ensinar esses processos aos seus alunos. O Eu deve ter o direito de possuir conhecimento dos mecanismos básicos da sua formação e das emboscadas que podem aprisioná-lo para que desenvolva habilidades a fim de se proteger amadurecer, se tornar resiliente. Caso contrário, esperaremos as pessoas adoecerem para depois tratá-las. Nada tão injusto. CURY (2010, p. 18)

De acordo com o autor, mesmo passando grande parte do tempo nas escolas, os alunos não recebem as técnicas básicas para promover a liberdade do Eu, dessa forma, direcionar recursos didáticos e pedagógicos à esses alunos é fundamental para promover um ambiente que estimule a criatividade, criticidade e reflexividade. Vygotsky (2012) afirma que a escola precisa ter uma preocupação quanto ao tipo de obras literárias que são disponibilizadas para os alunos, de modo que sejam consideradas as mais adequadas para cada grupo. "Se a escola deseja ser educativa, então deve ter em atenção este tipo de obras literárias" (2012, p. 81).

No campo das narrativas, a preocupação primordial segundo Passegi (2010, p. 115) "é que elas sirvam essencialmente, a quem escreve. Dessa forma, a escrita de si implica muito mais do que trazer ao conhecimento aquilo que já se sabia, na verdade, abre caminhos para que o sujeito encontre meios para o processo de descoberta de si.

Estes aspectos heurísticos possibilitam ao escritor aprender ao externar suas experiências, e aquele saber que antes estava implícito, transforma-se em conhecimento. Quando a escola evidencia o papel do aluno como aprendente, possibilita ao mesmo uma fase de reinvenção.

Esse processo de se reinventar só é possível se essas narrativas se tornarem processos eficazes de pesquisas voltadas para a transformação do indivíduo isolada. Conforme (Passegi, 2010):

A mediação biográfica se enriquece pelo coinvestimento e ajuda solidária na construção do sentido. Ela se fortalece na crença de que, a retorno sobre si torna o sujeito consciente do seu poder e do querer do outro sobre sua vida e, por esse viés, a reflexividade autobiográfica constitui-se um processo emancipador, provocador do desejo de cuidar melhor de si e do outro. (PASSEGI, 2010, p. 127)

Ao analisar a importância das narrativas no contexto escolar, é possível perceber que a instituição precisa estar constantemente adotando métodos que possibilitem a mediação eficiente das narrativas. Acompanhar as propostas educacionais que vão surgindo no decorrer da caminhada pedagógica, propõe a escola a se adequar as necessidades de uma sociedade de acordo com a sua conjuntura atual. "Para adequar-se às necessidades contemporâneas relacionadas com as formas de aprendizagem, a "didática" precisa fortalecer a investigação sobre o papel mediador do professor na preparação dos alunos para o pensar" Girotto, Souza, Davis (2015, p.285)

2.2 AS NARRATIVAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Passegi (2010) afirma que, ao serem questionados os objetos de estudo das narrativas, temos como resposta a produção, na qual o sujeito faz de si mesmo como objeto de reflexão. Segundo Macedo e Sperb (2007, p. 237) "Há muitas histórias a serem contadas, mas é preciso primeiro aprender a contá-las". Dessa forma, as histórias sobre o sujeito são além de uma tentativa de comunicar e externar as experiências individuais, são métodos que tornam possível a compreensão da vida e do próprio ser. A estruturação da experiência ocorre, de acordo com os autores, por conta da habitualidade das formas de

contar o que se viveu, são essas formas que determinam e organizam o contexto necessário para que o sujeito possa dizer de suas experiências vividas.

A criança não foge a esse esquema compreensível de mundo, pois capaz, desde cedo, de compreender e de empreender enunciados que circulam no meio em que se insere como indivíduo. A criança nasce, cresce e se desenvolve em um meio de cujas regras e normas ela também partilhará. [] a criança muito antes de aprender a falar já compreende o mundo onde vive, por movimentos por olhares, por posturas que ela sabe dever adotar para que se oriente de maneira objetiva dentro do ambiente social em que vive (VASCONCELOS, 2016, p. 589)

Ao abordar a temática da habilidade da criança em narrar suas experiências individuais, os autores acima citados acreditam que, o processo pertinente ao desenvolvimento do uso das narrativas inculca a forma de como a criança pode compreender e exprimir suas experiências reais, e que a criança produz e constata significado à sua figura como indivíduo por meio da ação narrativa

[...] o uso da linguagem e a narração vão permitir reanalisar a experiência vivida e representá-la a um outro nível descontextualizado. A narrativa e a organização categorial são formas de ordenar a memória e o conhecimento, que não são específicos de qualquer domínio particular do conhecimento e vão ser fundamentais para que o conhecimento prático possa evoluir para um sistema de conhecimentos abstrato, teórico e formal. (MATTA, 2004, p.73)

Nesta perspectiva, entende-se que o ato de narrar e construir histórias faz parte da cultura do indivíduo, intrinsicamente ligada ao ser humano, que surge como uma necessidade de dar significado às experiências, estabelecendo um diálogo interno consigo mesmo e com o mundo exterior.

De acordo com Vasconcelos (2016) para diferenciar as narrativas infantis das histórias universalizadas para crianças, assim como aquelas narradas pelas próprias crianças como pertencente dela, os arranjos que fazem de sua própria história, é preciso trazer à tona a particularidade da riqueza de detalhes que as

crianças fazem uso em suas narrativas. É necessária uma atenção mais firme sobre as narrativas das crianças, levando em conta todo o esforço das mesmas na construção de histórias, focando a estrutura e seu significado social, considerando que, contar histórias, trata-se de um fenômeno social, uma experiência pedagógica, que ocupa significativo espaço nas escolas e em diversos outros ambientes.

A maior ou menor oportunidade de as crianças produzirem narrativas biográficas na escola, revela a visão que os professores têm sobre estas, ora como meros estudantes de conteúdos acadêmicos, ora como pessoas que têm algo a dizer sobre as suas vidas e que constroem o seu conhecimento numa interação constante entre os seus referenciais vivenciais próprios (quem sou, como sou, de onde sou, qual a minha história de vida) e os saberes entendidos como pertinentes para cada grupo de crianças, numa sociedade, tempo e espaço próprios. (SARMENTO, 2018, p. 130).

De acordo com a autora, independente do modelo pedagógico adotado, nos jardins-de-infância por exemplo, a aula inicia-se com uma roda de conversa, onde as crianças participam suas histórias com as demais, abrindo o campo do desenvolvimento da socialização na interação de cada criança do grupo, e nesse momento, ela inicia uma associação de fatos familiares no contexto de sua interação fora do leito familiar. Como a rotina pedagógica dessas crianças são longas, elas estão constantemente estimuladas a retomarem seus relatos e ou criarem novos.

Por outro lado, existe uma vertente no campo educacional que está vigorosamente condicionada a seguir um programa curricular, onde a prática de conversação de professores e alunos não é usada com frequência, exceto em sala de aula, pois a socialização nesse espaço é imprescindível no desenvolvimento de métodos pedagógicos.

Ao narrar a sua experiência a criança desdobra-se como espectador e como personagem da situação narrada, assumindo-se como ator social que sente, contesta e se posiciona, dando forma à sua condição de agente social que "age no mundo de vida, não para exercer papéis

preconcebidos, mas em virtude de uma ação refletida situada no seu próprio horizonte biográfico" (PASSEGGI, 2016, p. 82)

Em virtude disto, construir métodos e estratégias educacionais de maneira mais refinada torna-se um desafio para quem o faz, considerando a evolução da interação entre professor e aluno, e diversos aspectos que colaboram nesse processo ao focar neste desafio na vida escolar como: Considerar, enquanto protagonistas, os alunos (o seu ambiente comum, os seus horários de estudo, idades e responsabilidades familiares e sociais, etc.).

Atualmente, no campo da pedagogia, da sociologia da infância e da educação, da psicologia e de outras ciências sociais, a mobilização de narrativas biográficas de crianças está bastante presente, realizadas sobretudo por investigadores e outros profissionais que entendem que a escuta da voz da criança é a base para o conhecimento sobre o que as mesmas sentem, pensam, como aprendem, como se desenvolvem, enfim, como vivenciam a sua infância. (SARMENTO, 2018, p. 125).

Fica claro que, olhares mais apurados sobre a infância estão cada vez mais presentes no contexto escolar, pois percebeu-se nessa fase do ser humano uma oportunidade de protagonismo literário, onde as crianças enquanto atores sociais ganham visibilidade, preservando a essência da mesma no quesito de gozar a infância com dignidade e respeito.

2.3 O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DOS ALUNOS

Para Lopes (2009) ao buscar meios que permita que o aluno consiga encontrar-se no processo, a escola precisa proporcionar a este, um ambiente que o estimule. Dessa forma, fica mais claro o papel do professor enquanto mediador, que ajuda o aluno a encontrar sentido ao seu existir e ao seu pensar, promovendo uma relação professor-aluno muito mais próxima.

Escrever muito, dispor de tempo e estímulos positivos são necessidades especiais que o escritor iniciante possui para melhor formular e aprender a explorar seu próprio desenvolvimento, impulsionando-o à superação de algumas

dificuldades e melhorando o seu nível de comunicação. Fundamentada nisto a autora afirma que:

Cada criança é diferente. Tem suas preferências, seus interesses, sua personalidade, seu ambiente familiar, sua experiência de vida, seu pensamento e sua maneira de agir. E vai ser difícil, para uma professora só, conseguir que todas as crianças da sua sala escrevam todos os tipos de escrita (narrativa, descritiva, científica, etc.), investigando uma variedade de assuntos e melhorando e aprofundando a capacidade de comunicação de cada criança em cada área. (KURRIE, 1988: 12).

De acordo com Sarmiento (2018) não é necessariamente o ato de provocar na criança a produção de narrativas autobiográficas, elas já as criam de maneira natural no seu cotidiano, seja brincando, conversando, quando discutem sobre determinada disciplina em sala de aula, ao associar os conteúdos que se apresentem semelhanças entre si, ou até mesmo se estiverem participando de alguma pesquisa. Nessa perspectiva, as narrativas autobiográficas desenvolvidas no campo educacional, ganham relevância a nível pedagógico, pois os professores utilizam-se da observação da criança, das suas necessidades e objetivos, para a elaboração da ação educativa.

Ainda na ideia da autora, pode ocorrer numa narrativa de uma criança, a inserção de fatos e personagens fictícios, devido a sua fase infantil, onde a realidade e a imaginação se entrelaçam, fazendo com que a criança não consiga dissociar esses dois fatores. Evidenciando outra característica da narrativa de crianças, na fase onde a maturidade ainda está adormecida, ela consegue dizer exatamente o que deseja utilizando-se de frases curtas e sintetizadas.

No campo pedagógico, segundo Sampaio (2011) as oportunidades reais do desenvolvimento da capacidade das crianças surgem a partir do momento em que lhes sejam disponíveis métodos que estimulem o seu raciocínio, pois o ato de pensar é algo que as crianças fazem porque gostam, e cabe ao professor saber aproveitar essas situações para melhor desempenhar seu papel de alfabetizador. "Em todas as rodas de conversa com crianças, a função da escola é, notadamente, a de prover ensinamentos morais. " Passegi (2018, p. 111).

Sampaio (2011) aponta que um dos maiores erros do professor é apresentar as atividades acadêmicas sem antes estimular o raciocínio da criança de modo que o mesmo exponha em uma conversa aberta seus conhecimentos prévios sobre determinado assunto, dessa forma o professor poderá interferir em uma boa produção do pensamento da criança. Proporcionar esse ambiente onde a criança possa contribuir com sua história, possibilitará ao professor fazer uma sondagem sobre a realidade do aluno e aproveitar da melhor maneira possível as narrativas que as crianças trouxeram no discorrer das conversas.

Os métodos (auto)biográficos integram um conjunto alargado de formas, cujo núcleo comum é o relato da vida do sujeito biografado, seja por outrem - no caso das biografias, seja pelo próprio - no caso das (auto)biografias, histórias de vida, diários, memoriais, entre outras modalidades. A participação efetiva dos biografados, com o uso da sua voz, isto é, a partir da sua experiência, reflexividade, decisão sobre o que narrar, faz a diferença entre umas e outras, superando a fronteira entre ser objeto ou sujeito de investigação. (SARMENTO, 2018, p. 123)

Segundo Passegi (2018, p. 108) 'Admitir que as crianças são capazes de refletir sobre próprias experiências e legitimar sua reflexão como fonte de pesquisa representam pelo menos duas grandes rupturas no campo científico.' A primeira seria a caracterização da criança enquanto sujeito insuficiente, ou seja, sem história, o que tornaria a sua narrativa irrelevante do ponto de vista investigativo. A segunda ruptura desencadeia um paradoxo conceitual sobre a relevância da experiência da criança, pois acreditar nisso, implica a consciência de que desde a mais tenra idade o sujeito já possa adquirir experiência, e validar esta teoria é algo realmente desafiador.

De acordo com a autora, hoje a criança é submetida à uma jornada escolar muito mais longa, e durante o ano, os dias letivos aumentam cada vez mais, o que termina afetando o processo de socialização com a família. Cabe aqui lembrar do que disse Bondía (2002, p. 21) 'a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação[..]' Essa postura, segundo o autor, desencadeia um

processo onde a experiência se distancia do indivíduo, "o que consegue é que nada lhe aconteça" (p.22).

No ato de biografar-se, contar suas próprias experiências, a criança operacionaliza as ações de lembrar, de refletir, projetar-se no futuro e encontrar alternativas, que incidem sobremaneira sobre o seu desenvolvimento como ser social e histórico. No entanto, observamos que ainda não exploramos suficientemente essas ações, talvez porque não tratem de conteúdos escolares, currículos, programas considerados mais objetivos. (PASSEGGI 2018, p. 112)

Essa abordagem das maneiras de contar as experiências, alcança olhares cada vez mais preocupados em direcionar com mais clareza e objetividade Lopes (2009 diz que, assim como em todo processo educacional, a interação social contempla um lugar privilegiado no desenvolvimento da aprendizagem, é na escola, o lugar onde os caminhos se estreitam para que ocorram essas interações.

Para tal, pensar a narrativa autobiográfica de seus alunos, antes deveria ser pensado a narrativa autobiográfica do professor, esta seria uma ferramenta que possibilitaria o docente viajar em suas práticas, comparando com os métodos pedagógicos do seu tempo enquanto aluno.

A narrativa da experiência docente provoca (e pressupõe) que o(a) professor(a) pense sobre seus saberes e ainda não saberes, sobre a própria prática. Esse processo, essa ex-posição provoca, ainda, um aprendizado imprescindível, do meu ponto de vista, à formação do docente lidar com a incerteza, o acaso, o não previsto antecipadamente. [...] Não podemos prever o curso e os resultados da ação. Toda ação faz parte de rede de interações que possibilita a ação escapar do seu autor. O mais interessante é que pode provocar processos totalmente e até mesmo contrários ao pensados e esperados (SAMPAIO, 2010, p. 134)

Nesse viés, é possível desenvolver um trabalho pedagógico mais eficiente se o docente conhecer toda a riqueza que as narrativas autobiográficas dispõem em sua estruturação e criação. Essa experiência de se expor no processo

formativo, segundo a autora, ajuda na compreensão do desenvolvimento pedagógico a partir do momento em que percebe-se situações que antes não podia. Entender as dúvidas, as frustrações, e todos os desafios que antes estava intrinsecamente ligada ao aluno, agora tornara parte do docente. "Aprender ensinar é assumir riscos. É se abrir para o novo. Lidar com o desconhecido. Por isso, errar e acertar faz parte desse processo." Sampaio (2010, p. 143).

3 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL DA EMEF PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, ITAITUBA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho, cuja pesquisa foi realizada em uma escola pública de Itaituba-Pará, tem como objetivo analisar o desenvolvimento da habilidade da criança para narrar uma experiência, mais especificamente sobre sua percepção da escola e suas atribuições enquanto instituição de ensino, observando também a construção do efeito de realidade nas narrativas infantis, identificando sinais de reflexividade, indicadores de uma narrativa de si, presentes na reconstrução das histórias retomadas.

O modelo de técnica metodológica adotada a princípio foi a pesquisa bibliográfica a qual foi utilizada como ferramenta para embasamentos teóricos, pois de acordo com Gil (2002), a pesquisa que for direcionada por material já elaborado como livros e artigos científicos publicados, constitui-se uma pesquisa bibliográfica, no caso dessa pesquisa percorreu-se sobre a temática das Narrativas Autobiográficas de Crianças. Fundamentou-se em autores que abordam o assunto como: PASSEGI (2010); MATTA (2004), MACEDO-SPERB (2007); VASCONCELOS (2016) LEJEUNE (2008), dentre outros.

A pesquisa de campo caracteriza-se como sendo uma abordagem metodológica qualitativa e exploratória, uma vez que procura analisar e descrever as características das Narrativas Autobiográficas de Crianças, e de acordo com GODOY (1995, p. 21) "a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

O estudo foi realizado com cinco alunos do 1º ano do ensino fundamental menor do município de Itaituba-Pará, e para chegar-se aos resultados, utilizou-se de coletas e análises dos dados, com entrevista construída através de uma roda de conversa.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA DE ESTUDO

A escola está localizada na Avenida Manoel Alexandre, N° 852, entre a Travessa João Pessoa e Lauro Sodré no Bairro Santo Antônio. Iniciou suas atividades educacionais no dia 03 de março do ano letivo de 1988. O nome da Escola Municipal de Ensino Padre José de Anchieta é uma homenagem ao Jesuíta Padre José de Anchieta que veio ao Brasil com o objetivo de catequizar os índios.

A referida escola foi resultado das reivindicações dos moradores da comunidade do bairro de Santo Antônio, onde a mesma já prestava serviço à comunidade, com o nome de Escola Vinte e Cinco de Março, comportando uma clientela de 560 alunos da escola em evidencia, bem como objetivando atender os alunos de 1º e 4ª séries do Ensino Fundamental, uma vez que os mesmos eram obrigados a percorrer uma grande distância para chegar a escola mais próxima.

No ano de 1988, a escola iniciou suas aulas com uma matrícula inicial de 600 alunos, a partir de então, esse número vem aumentando a cada ano letivo. A escola em vinte e dois anos de funcionamento teve como diretores os seguintes professores:

1988 a 1998-Maria das Graças Melo Ramos

1999-Adebaldo Linhares da Silva

2000 Regina Lucirene Macedo de Oliveira

2001-2002-Maria das Graças Melo Ramos

2003- Regina Maia

2004-Angelina Aparecida Baú

2005-Edil Queiroz dos Santos e Patricia Teles

2006-2009 Carlinha de Oliveira Sousa

2009-Emerson Emilio Lameira Severino

2009-2013-Eni Ribeiro Branco

2013-2015- Antônio Neuton Costa, Maria Feitosa da Silva e Raimunda Rosa dos Santos Oliveira

2015-2017-Darlan Marinho, Marilena Figueira, e Rosa Silva.

2018-2019-Antonio Neuton, Vilcilene Pires e Francileia Cruz

2020-Eni Ribeiro Branco, Neuton e Carlinha de Oliveira Sousa

Atualmente a escola possui 16 salas de aula e atende a uma clientela de aproximadamente 1.206 alunos, distribuídos em 39 turmas, divididos em três turnos. O quadro de servidores está dividido em quatro núcleos.

O primeiro núcleo é o administrativo composto por quatro servidores: Antônio Neuton Costa (Diretor-Escolar), Vilcilene Pires Oliveira (Vice-Diretora-Escolar), Francileia Cruz (Vice-Diretora-Escolar) e Mayara Almeida de Lima (Secretária Escolar).

O segundo núcleo é o Pedagógico composto por 2 (dois) servidores: Francisco Tapajós Sobrinho (Técnico Educacional) e Rosa Marlete Facioni Moreira (Técnica Educacional).

O terceiro é o núcleo de apoio composto por 21 (vinte e um) servidores: Aliete Lira Oliveira (Merendeira), Aline Maelle Coelho do Nascimento (Auxiliar de Serviços Gerais), Berenice Ferreira de Nazaré (Auxiliar de Serviços Gerais), Berenice Santos de Jesus (Auxiliar de Serviços Gerais), Cidiany Silva Barbosa (Auxiliar de Serviços Gerais), Erivaldo Sousa da Silva (Vigia), Girlane Amorim Pimentel (Merendeira), Jailson Oliveira dos Santos (Vigia), Jéssica Neuton da Costa (Auxiliar de Serviços Gerais), Maria Aparecida Femandes de Oliveira (Auxiliar de Serviços Gerais), Miracélia Rocha Miranda (Auxiliar de Serviços Gerais), Rosália Conceição S. da Silva (Merendeira), Raimundo Barros da Silva (Vigia), Joseane da Silva Santos (Auxiliar de Serviços Gerais), Janilson Soares Sales (Auxiliar de Secretaria), Franciane Alves Teixeira (Auxiliar de Secretaria), Gleiciane Rodrigues Guerra (Auxiliar de Secretaria), Valéria da Silva Nascimento Oliveira (Auxiliar de Secretaria), Wilson Pires da Silva (Auxiliar de Serviços Gerais), Marilene Severiano da Silva (Auxiliar de Serviços Gerais) e Pedro risos Santos (Auxiliar de Serviços Gerais).

O quarto é o núcleo de docente composto por 42 (quarenta e dois) servidores (Professores): Ana Cleia Gonçalves dos Santos, Ana Paula Santos Barbosa, Ana Maria Silva dos Santos, Cleison Lima Leitão, Cláudia Antonia Rego de Souza, Charlene Silva Ferreira, Eliane da Silva e Silva, Elizabeth da Silva Prata, Eni Ribeiro Branco, Francinete da Silva e Silva, Francinete Ferreira Sezorte, Iolanda Femandes de Menezes, Jose Cidamor Batista, Jailson da Silva Ferreira, José Leon Vasconcelos de Moraes, Jose Haroldo Paulo de Jesus, Jousimar Araújo da Silva, Karen Rayane Ribeiro da Silva, Luciane dos Santos Costa, Lídia Costa Teixeira, Maria Anadejj Barros França, Maria de Jesus

Sampaio de Sousa, Maria da Conceição Melo Araújo, Maria da Conceição Pires da Silva Maria do Espírito Santo Lima Oliveira, Olindina Vieira Pontes, Rosangela da Silva Cavalcante, Silvinho Campos Amorim, Adriana Araújo Rocha Moreira, Darlan Santos Marinho, Edilson Soares da Silva, Edenilson dos Santos Silva, Eliane Lira da Silva, Raimunda Ferreira da Silva, Gercicley da Conceição Miranda, Janaina Araújo de Olanda, Izaias Alves Muniz, Janice Lima de Brito, Luciana Stefanny Coutinho Lira, Marcio André de Jesus Melo, Marcos Cleoce Lima Aguiar, Maria Borges Feitosa, Maria Elineth Garreto da Conceição, Maria José Rodrigues dos Santos, Maria Nelita dos Santos Castro, Neliane Santos da Silva. Pedro Rocha de Almeida, Pedro Silva Araújo, Andreza Oliveira da Silva, Tiago Maciel Neves e Claudionor Vieira Ferreira.

A Escola desenvolve suas atividades nas modalidades do Ensino Fundamental I e II, Educação de Jovens e Adultos numa perspectiva inclusiva e integradora, conectando os parâmetros de cidadania, sustentabilidade e compartilhamento de sentimentos e saberes mútuos, atendendo os 1º, 2º e 3º turnos. Sua equipe administrativa atual é composta de um diretor, duas vice-diretoras, uma secretaria escolar e uma supervisora educacional. Os trabalhos na secretaria da escola são desenvolvidos sob a orientação da secretária desta unidade de ensino e os quatro educadores na função de auxiliares administrativos.

O corpo de apoio da escola é formado por educadores nas seguintes funções: vigias, merendeiras e auxiliares de serviços gerais que colaboram decisivamente no processo de desenvolvimento educacional

O fundamento de trabalho da Escola está baseado na legislação vigente que rege a educação Brasileira - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394/ 96, Regimento das Escolas Públicas do Município de Itaituba e Regimento Interno Escolar e tem como missão a educação integral do educando, que, é vista como possibilidade de se formar cidadãos críticos, criativos e participativos do meio em que vivem como sujeitos do seu próprio conhecimento, valorizando a cultura, a vida na natureza, contribuindo em seu desenvolvimento pessoal e de sua comunidade.

A escola Municipal Padre José de Anchieta busca preparar o educando para integrar-se à sociedade moderna e, ocupar nela um espaço social, no qual tenha condições de exercitar sua cidadania, para isso deverá atingir os objetivos

nacionais traçados para o ensino fundamental, o qual consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (lei nº 9.394/96) em seu artigo 32, quais sejam:

- I.O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II.A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III.O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV.O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

É com base nesses objetivos que a escola adotou a proposta pedagógica pautada nas abordagens Crítico social dos conteúdos e sociocultural. De acordo com Libâneo o papel principal da escola é o ensino, com a difusão do conhecimento (...) com conteúdo vinculados à realidade tendo em vista a democratização da escola pública e a consequente transformação social. Nesse sentido, a valorização da escola como instrumento de apropriação do saber é o melhor serviço que se presta aos interesses populares, já que a própria escola pode contribuir para eliminar a seletividade social e torná-la democrática. Se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é também agir no rumo da transformação da sociedade (LIBANEO,2008, P. 38- 39)

A abordagem sociocultural por sua vez, contempla o meio social como fator fundamental para que o educando se desenvolva. Assim, a construção do conhecimento realizar-se-á com a interação deste com o mundo e com o objeto. considerando sempre a interação social importante para o seu desenvolvimento.

Com base nas duas abordagens enfatizadas, A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO é horizontal na qual o professor tem o papel de organizador, facilitador e mediador da aprendizagem objetivando assegurar a interação do educando

com o objeto de conhecimento, valorizando sua experiência criando situações favoráveis à aprendizagem respeitando a individualidade de cada um. "Na abordagem sócio-cultural, Mizukami apud Garcia (2007) afirma que a relação entre o mestre e o aprendiz é horizontal, professor e aluno aprendem juntos em atividades diárias. Neste processo, o professor deverá estar engajado em um trabalho transformador procurando levar o aluno à consciência, desmistificando a ideologia dominante, valorizando a linguagem e a cultura. Além disso, o trabalho dos professores perpassa pelos direitos e deveres que estão contidos no Regimento Escolar Estadual.

Os alunos são agentes do processo ensino-aprendizagem e na relação aluno-aluno aprendem juntos em atividades diárias, em trabalhos em grupos, construção de regras de convivência social e respeito mútuo. O aluno é diferenciado e valorizado como pessoa

Os aspectos afetivos são determinantes na construção da personalidade e eles se revelam de forma explícita nos jogos. Portanto os jogos, as situações-problemas, os desafios e conflitos devem-se constituir em práticas cotidianas nas salas de aula.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

A coleta de dados e informações sobre as narrativas autobiográficas de crianças da escola pública do município de Itaituba trará uma grande contribuição à medida que permite conhecer e refletir sobre as histórias de alunos no contexto escolar, sua percepção do papel da escola em sua vida. Para propiciar um ambiente mais dinâmico, o entrevistador estava caracterizado como o personagem "Chaves", com o objetivo de deixar os entrevistados mais a vontade numa conversa aberta e descontraída.

Os alunos entrevistados têm idade de 6 anos, totalizam 5, sendo três alunos do sexo feminino e outros dois do sexo masculino. Todos estudantes do primeiro ano do Ensino fundamental menor.

3.4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa realizou-se considerando a perspectiva de crianças de 6 anos de idade que acreditavam estar conversando com o Chaves, personagem de

uma série da TV Mexicana, reproduzida no Brasil por muitos anos e perpetuada por meio de desenhos animados, muito aceita por crianças dessa idade. Chaves, um garoto que residia em um barril, não tem família e nunca frequentou a escola.

Esse cenário é o gatilho para que a pesquisa em curso pudesse se adequar à realidade da criança, adentrando suas percepções de mundo de maneira mais natural possível, favorecendo uma conversa em que essas crianças pudessem evidenciar, por meio de narrativas de suas experiências de vida, suas opiniões a respeito do universo da escola.

Assim, os alunos puderam estar em um cenário todo projetado para que estas pudessem se sentir bastante à vontade e externalizar suas histórias, suas opiniões e vivências de modo muito, considerando sempre que esta estratégia permite que as narrativas dessas crianças configuram-se em excelente meios de se repensar no processo educacional e, a partir disso, efetivar ações diferenciadas e contundentes, considerando as fragilidades e apontamentos que essas narrativas evidenciam.

Para iniciar a conversa com os alunos foi perguntado na questão 01: **O que é a escola?**

Quadro 01. Percepção sobre a escola. Fonte. Alunos do 1º ano do Ensino Fundamental de escola pública, Itaituba (2020).

Entrev.	Relatos dos entrevistados
E1	A escola é muito legal porque a gente aprende a fazer dever, é onde a gente estuda para não ser burro.
E2	E fazer um monte de tarefas, a gente copia o que a professora escreve no quadro. Mas quando a tia passa muito dever para copiar fica mais difícil
E3	É onde eu consigo aprender um monte de coisas, mas as vezes as tarefas são um pouco difíceis.
E4	E onde a gente brinca, escreve e conversa. A gente também canta na escola com a tia e aprende.
E5	A escola é muito legal. A gente aprende as coisas aqui. Aprende a ler e escrever.

Na fala dos entrevistados, é possível perceber que cada um possui uma percepção própria da escola, por mais que os depoimentos possam se assemelhar, alguns relatam suas dificuldades com tarefas mais longas, outro demonstra mais socialização, pois relata que a escola também é o lugar onde se

conversa. A maioria relatou que a escola é legal e é o local onde é possível aprender.

A intenção é mostrar que essa disposição humana para a reflexão sobre as experiências vividas se manifesta desde tenra infância. As narrativas das crianças nos permitem sinalizar que a reflexão estaria na base do processo de constituição da criança enquanto sujeito da experiência. Daí a importância de escutá-las e de observar como dão sentido às instituições que as acolhem na infância. (PASSEGGI, 2018, p.105).

De acordo com a fala dos entrevistados e da autora, percebe-se que as crianças já possuem competências em narrar suas experiências, e a partir dessas narrativas, é possível fazer uma reflexão sobre o desenvolvimento pedagógico na instituição de ensino. Saber que a escola é o lugar onde se adquire conhecimento demonstra que as crianças são influenciadas pelo convívio social, pois essa foi a maioria das respostas. Vasconcelos (2016, p.586) [...] "consideramos a contação de histórias como um fenômeno, hoje social, uma prática pedagógica que ganha espaço nas escolas e em múltiplos ambientes."

Explorar as capacidades e habilidades do aluno pode não ser uma tarefa fácil, porém faz-se necessária e fundamentalmente importante trabalhar o desenvolvimento dessas particularidades de cada aluno.

Estudar é uma atividade complexa. Entre outras habilidades, estudar de forma compreensiva e não meramente repetitiva requer aprender a concentrar-se, a analisar, sintetizar, memorizar e expressar a informação. Além disso, a aprendizagem escolar é progressiva e o estudo ocupa, às vezes durante muitos anos, boa parte do tempo dos alunos. (RODRIGUEZ, 2000: 14).

Para MARINHO (1987), o que vale para a criança é o significado do que ela tenta transmitir e não a coesão do conteúdo, isto é, a linguagem oral é proporcionada pelas ocasiões rotineiras como; curiosidade, o ato de demonstrar que precisa de atenção etc. é da realidade da criança que surge o conhecimento da mesma.

O que as crianças relatam em suas entrevistas é que na escola não tem sentido em si mesmo, a escola só é útil na perspectiva de na profissão, de um futuro ao qual daria acesso. Essa função social da escola é o que é percebido como sua missão primordial e o que a justifica em qualquer contexto. Nesse sentido, suas narrativas reproduzem o sentido da escola como um lugar transitório, de passagem, mais numa perspectiva de futuro, do que lugar de vida presente e plena na infância.

Ao continuar a entrevista, foi perguntado aos alunos na questão 02 **O que a gente faz na escola?**

Quadro 02. O que se faz na escola. Fonte Alunos do 1º ano do Ensino Fundamental de escola pública, Itaituba (2020)

Entrev.	Relatos dos entrevistados
E1	A gente brinca, a gente faz dever e agente pinta. A gente vai pro recreio, come, cai e se machuca.
E2	A gente faz tarefa, brinca, e na hora do recreio a gente vai pegar a merenda e vamos na quadra. As vezes a gente joga bola também com a professora de educação física.
E3	Eu acho a escola muito legal porque é onde a gente faz muitos amigos.
E4	Aqui na escola a gente escreve muito, mas a gente brinca também. E tem um tempo que a gente tem férias.
E5	Aqui a gente faz um monte de coisas. Escrever, encontra amigos, aprende a respeitar o colega e aprende a falar direito.

Nota-se na fala dos entrevistados, que a escola desempenha uma função de desenvolver valores morais e sociais, como respeitar o colega e fazer amizades. "No ato de biografar-se, contar suas próprias experiências, a criança operacionaliza as ações de lembrar, de refletir, projetar-se no futuro e encontrar alternativas, que incidem sobremaneira sobre o seu desenvolvimento como ser social e histórico. Passegi (2018, p.112). Evidencia-se também o trabalho pedagógico da instituição de ensino direcionados à leitura e escrita e, o estímulo ao desenvolvimento das competências individuais com a pintura.

Os entrevistados mostraram em seus relatos que as brincadeiras são essenciais na escola, elas surgem como fatores importantes no contexto escolar Savio (2017, p. 15) diz que "A brincadeira é uma das principais maneiras de a criança ser e se expressar na infância, de tal modo que se pode afirmar que a

criança, sobretudo, nos primeiros anos de vida, è em grande medida, um ser brincante."

De acordo com a autora, o fato de a criança se dedicar nas brincadeiras demonstrando interesse e concentração, mostra uma função essencial, que contribui para o bem estar e o desenvolvimento infantil. Por este motivo, as brincadeiras precisam seguir um direcionamento pedagógico, a fim de aproveitar todas as atividades desenvolvidas no aprimoramento das práticas educacionais.

O brincar não é apenas necessidade, é direito das crianças. A escola precisa organizar seus ambientes de acordo com as características das crianças e valorizar o brincar em seus espaços e tempos. O valor do lúdico para as crianças na escola dependerá muito de como elas serão encaradas, nesse contexto, pelos adultos que a frequentam. As diferentes mediações educativas realizadas pelo educador, a organização dos espaços e tempos da escola e dos jogos, brincadeiras, brinquedos e materiais lúdicos que se encontram ao alcance das crianças durante o ato lúdico, são atitudes que podem fazer a diferença no brincar da escola e na ampliação do repertório lúdico delas. (ALMEIDA, 2017, p. 40)

Ao narrar sobre o que ela realiza na escola, é possível perceber que a criança exterioriza aquilo que é de grande importância no seu dia a dia. Escola passa a ser sinônimo de tarefas divertidas como brincar, de tarefas sérias como aprender e até fazer amigos. Praticamente todas as crianças tentam convencer o Chaves de que é importante estar na escola por vários motivos e essa percepção da criança é incrivelmente importante para que se tenha um olhar mais atento sobre o fazer pedagógico na vida dessas crianças.

Ademais, compreender que na escola se aprende a respeitar o colega evidencia exatamente a prática pedagógica que se aplica nessa escola. Dizer que as férias são um período muito importante é revelador na medida em que a criança manifesta a alegria por esse período quando ela diz que apesar de se escrever muito, de fazer atividades e muitas vezes ser cansativo, a escola permite que elas possam passar um período de descanso que é compensador.

As crianças descrevem com satisfação e entusiasmo para o Chaves o papel da escola, e uma delas sinalizou que elas aprendem a falar direito, fazendo uma referência de que as pessoas que não vão à escola não sabem falar direito

Essas narrativas evidenciam a necessidade de compreender com as crianças as relações que elas estabelecem com o mundo escola. Após situar as narrativas autobiográficas como fontes e método da pesquisa qualitativa em educação, é preciso ter sensibilidade para interpretar a interpretação da criança, com o cuidado de preservar sua visão de mundo. As análises revelam a criança consideradas como sujeitos de direitos, e os grandes desafios com os quais nos deparamos durante a realização da análise dessas narrativas.

Continuando com a entrevista, foi perguntado aos alunos na questão 03:

Para que serve a escola?

Quadro 03. As funções da escola. Fonte: Alunos do 1º ano do Ensino Fundamental de escola pública, Itaituba (2020).

Entrev.	Relatos dos entrevistados
E1	A escola serve para gente estudar e aprender a ler e escrever. Porque quando eu crescer, eu quero ser alguém na vida.
E2	A escola serve para gente fazer tarefa, educação física, comer, a gente aprende ler e escrever, mas é muito difícil.
E3	A escola serve para aprender, conversar, passear, porque aqui na escola tem até jardim. É aqui que a gente aprende o que vai ser quando crescer. Eu quero ser veterinária para cuidar dos animaizinhos doentinhos.
E4	A escola serve pra eu brincar, escrever, ler um livro de historinha, porque eu gosto da historinha dos porquinhos. Eu também quero ser veterinária, porque eu quero cuidar do meu gatinho quando ele ficar doente.
E5	A escola serve para brincar, fazer amigos, conversar e pra comer. A comida aqui da escola é muito gostosa.

As respostas acima, referentes à questão 03 demonstram que, os entrevistados já possuem ciência do papel social da escola de formar para a vida. Se por um lado as crianças percebem a instituição de ensino como um ambiente que possui como finalidade a sua formação, pelo outro elas nos mostram que a escola também permite que eles estabeleçam uma relação social com o outro, conforme percebemos nas falas do E1, e E3

A fala do E1, demonstra também que trata-se de uma inserção no desenvolvimento da sua subjetividade pela postura de possuir um objetivo "Porque quando eu crescer, eu quero ser alguém na vida". Nessa perspectiva, é possível perceber que a criança já tenha tido a informação de que é a escola quem o ajuda a ser um profissional no futuro, e provavelmente já o tenha alertado das desvantagens de abandonar os estudos

O ato de narrar, para a criança, é, portanto, uma ação de aprendizagem, que lhe permite tomar consciência de sua imprudência e mudar seu modo de agir. Por esse processo de reflexividade autobiográfica, a criança se projeta, aos seus próprios olhos como um ser capaz de decidir e de agir no mundo," (PASSEGI, 2018, p.115).

Mais uma vez, o brincar aparece nas narrativas dos entrevistados, e de acordo com Almeida (2017) o brincar na escola, no seu significado mais amplo, é mais que uma ação, mas uma manifestação e uma necessidade da natureza humana, e principalmente, trata-se de um direito da criança. Portanto, é pertinente reavaliar o papel social, cultural e político da instituição de ensino na sociedade atual, e concebe-la como um ambiente que propicie vantagens à infância e aos métodos pedagógicos no campo da ludicidade.

"É importante estimular estudos sobre o brincar na escola ou em qualquer outro espaço que permita observar que o jogo espontâneo é uma investigação de suma importância que possibilitará a exploração científica do lúdico em todos os âmbitos na vida da criança". Almeida (2017, p. 53).

A fala do E, parece mostrar uma relação muito carinhosa com os animais, pois suas falas são recheadas de afeto: "Eu quero ser veterinária para cuidar dos animaizinhos doentinhos" Segundo Vasconcelos (2016) o discurso narrativo se torna mais espontâneo através das relações afetivas. Dessa forma, as narrativas surgem com uma riqueza de lembranças que se entrelaçam ao sentimento de angústia e esperança, certezas e incertezas.

Continuando com a entrevista, foi perguntado aos alunos na questão 04:

Você gosta da professora?

Quadro 04. A relação professor/aluno. Fonte: Alunos do 1º ano do Ensino Fundamental de escola pública, Itaituba (2020).

Entrev.	Relatos dos entrevistados
E1	Eu gosto sim, ela é legal, e ela não gosta que gritem na sala porque atrapalha.
E2	Eu gosto muito da professora! Ela passa tarefa boa pra gente e tem paciência para ensinar também. Mas ela não gosta que a gente converse muito alto.
E3	Eu gosto da professora porque ela ensina a gente a brincar, a fazer o dever, desenhar e ensina a ler.
E4	Eu gosto da professora, ela é boazinha, ela ensina a gente muitas coisas. Mas se ficar correndo dentro da sala e ficar com teimosia ela briga.
E5	Eu gosto da professora porque ela ensina a pintar, a ler e escrever. Ela também ensina como se comportar em casa e na escola.

De acordo com Tassoni (2000) É possível perceber que a relação professor-aluno é marcada pela afetividade, respeito e paciência, fatores importantes para se construir um elo de amizade. É fundamental esta relação de respeito entre professor e aluno, pois assim, ajudará no processo inicial da aprendizagem.

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações. As experiências vividas em sala de aula ocorrem, inicialmente, entre os indivíduos envolvidos, no plano externo (interpessoal). Através da mediação, elas vão se internalizando (intrapessoal), ganham autonomia e passam a fazer parte da história individual. Essas experiências também são afetivas. Os indivíduos internalizam as experiências afetivas com relação a um objeto específico. (TASSONI, 2000, p. 3)

Dessa forma, pode-se observar que a afetividade assume um papel primordial na história de vida do aluno, pois os entrevistados demonstram respeito e admiração pela professora em suas narrativas. Esses aspectos afetivos, segundo o autor, contribuem para uma aula mais produtiva, pois em todo processo educacional, faz-se necessário uma base afetiva. Continuando

com a pesquisa, foi perguntado aos entrevistados na questão 05: **Você gosta de estudar?**

Quadro 05. Afinidade com a prática de estudar. Fonte: Alunos do 1º ano do Ensino Fundamental de escola pública, Itaituba (2020).

Entrev.	Relatos dos entrevistados
E1	Eu gosto de estudar, mas eu gosto de estudar em casa porque a minha mãe me ajuda.
E2	Eu não gosto muito de estudar não, eu gosto mesmo é de jogar bola e comer. Mas eu tenho que estudar, porque se não a nossa mãe briga com a gente.
E3	Eu gosto de estudar porque a minha mãe quer me ver inteligente igual ela, porque ela estudava quando era criança também.
E4	Eu gosto de estudar, porque eu aprendo a escrever o nome da escola, o alfabeto e, eu tenho vontade de escrever um livro mas só que eu nunca escrevi um. Eu gosto de estudar porque aqui a gente também assiste tv.
E5	Eu gosto de estudar um pouquinho, eu gosto mais de pintar e brincar.

Nota-se nos relatos dos alunos que eles fazem uma dissociação do brincar e do estudar. No entanto, é possível aprender brincando Segundo Almeida (2017) a criança tem a oportunidade de desenvolver a sua linguagem, sua capacidade de comunicar-se exercitando seus conhecimentos valores pertencentes de sua subjetividade. De acordo como autor, estudar sobre o brincar, pode contribuir muito sobre a finalidade educacional dessa atividade, são esses estudos que explicitam que a visão de que a criança não faz nada enquanto brinca se trata de uma visão completamente equivocada.

E no brincar que a criança apreende e incorpora muitos aspectos do seu mundo Devido a isso precisamos pensar na criança como criança com seu modo de pensar, agir e brincar Conhecer e compreender melhor o universo infantil nos aproxima mais do que é próprio das crianças da cultura que lhes é peculiar. A compreensão contemporânea de infância como produtora de culturas, portanto, instiga novos olhares para o campo da educação no sentido de passamos a entender a brincadeira não como atividade imposta ou interventiva, e sim como legítima linguagem infantil (ALMEIDA, 2017, p. 44)

Não é nenhuma novidade que as crianças gostem de brincar, e por este motivo, métodos focados nessa disposição da criança se fazem cada vez mais necessários. Bondioli (2017, p. 62) diz que "A brincadeira é uma atividade espontânea e automotivada. Não parece ser necessário induzir as crianças a participarem. Nessa perspectiva, as brincadeiras se tomam uma ferramenta pedagógica fundamental a ser explorada. "A convicção é que o aprofundamento nessa direção seja preliminar a qualquer intervenção de promoção. Apenas um educador que "estuda" e "sabe sobre a brincadeira pode acolhê-la e sustentá-la. Savio (2017, p. 17).

De acordo com Oliveira (2011) as crianças podem desenvolver suas potencialidades humanas através das brincadeiras, no processo de descoberta de sua identidade e subjetividade.

Na fala do E2 percebe-se que as crianças já se deparam com responsabilidades. Pode brincar, mas tem que estudar! A atenção aqui, é sobre a ação forçada de fazer a criança estudar, quando todo método pedagógico sugere que a criança seja antes estimulada e atraída por determinada atividade proposta.

O desafio recai sobre o professor, desfazer esse conceito que os alunos trazem de casa é fundamental, se não, este pode comprometer o processo

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

Um dos grandes desafios da pesquisa qualitativa com crianças consiste em interpretar a interpretação da criança sobre suas experiências. Contadas em micronarrativas, fortemente sintéticas, porém densas de sentido, essas narrativas exigem ainda mais rigor para nos aproximarmos da visão de mundo da criança.

Em primeiro lugar, exigem que nos distanciemos de uma perspectiva "adultocêntrica", que nos faz olhar para suas interpretações como "coisas de crianças, mas também impõem a necessidade de não nos deixarmos envolver pelo óbvio. E, finalmente, que há de considerar o desafio de que o espírito de análise e preocupações teóricas possam pôr em risco o modo de pensar da criança.

É perceptível, na pesquisa que a fala de uma criança vai completando o sentido da fala de outra e que, muitas vezes, elas nem falam, mas gesticulam e que seus silêncios estão carregados de sentido. Desse modo, gestos e silêncios, que não podem ser traduzidos no processo de transcrição, são evidenciados em vídeos e rodas de conversa de forma extremamente relevante.

É preciso considerar que as narrativas das crianças em geral, são construídas por frases curtas, mas ricas de sentido, assim compreende-se que na escola em questão é importante:

I - Trabalhar no sentido de dar significado ao olhar da criança, compreendendo que esta é capaz de evidenciar as práticas pedagógicas.

II - Atribuir as Narrativas Autobiográficas um espaço relevante concernente ao seu papel de direcionamento de ações pedagógicas;

III - Utilizar as percepções das crianças sobre "Falar direito e direcionar atividades sobre educação linguística na escola;

IV - Elaborar e desenvolver projetos que possam consistir em práticas pedagógicas direcionadas por Narrativas Autobiográficas de crianças.

Por volta dos três anos de idade que a criança aprende a utilizar a linguagem recém adquirida, para conduzir as transações interpessoais necessárias à vida comunal. Nesse sentido, essas narrativas não seriam apenas um modo de representação do mundo, mas de constituição da realidade, e da própria subjetividade da criança, o que pode ser muito útil nas ações pedagógicas.

CONCLUSÃO

Diante dos estudos levantados, abordaram-se concepções teóricas a respeito das Narrativas autobiográficas de alunos das séries iniciais. A partir de estudos realizados, for possível entender que as narrativas autobiográficas se caracterizam pela contação de história em caráter retrospectivo e em prosa, onde o autor aborda sua própria história como foco principal da sua narrativa.

A temática evidencia-se relevante na discussão sobre os instrumentos metodológicos direcionados a descoberta da realidade do aluno, e sugere um olhar mais cuidadoso para a infância, tratando a criança como suficientemente capaz de refletir sobre as suas experiências ao narrá-las, disponibilizando assim, dados e situações que contribuam para a melhoria de propostas educacionais das instituições de ensino, pois pauta-se na realidade subjetiva do aluno

Foi possível perceber que as crianças da escola pesquisada possuem uma ligação com vivências fora do ambiente escolar, e estão fortemente ligadas ao meio social. Elaboram suas narrativas ao observar o outro, demonstrando afetividade, e a necessidade de relacionar-se com os colegas a nível de amizade. Para elas, as atribuições da escola vão muito além da visão humanística em formar o cidadão, mas formar para a vida, proporcionar oportunidades de conhecimento de si mesmo, oportunidades de estabelecerem vínculos com as pessoas que os cercam,

Portanto, a discussão dessa temática propõe a compreensão da criança através de suas narrativas, aquilo que, aos olhos delas, importam ou não no contexto escolar. Este estudo também procurou mostrar as aflições dos alunos, que talvez passe despercebido pelo professor, pelo não uso dessa metodologia, e mais uma vez, evidenciar a relevância da mesma

No que diz respeito aos resultados obtidos pela pesquisa pode-se verificar que os alunos ainda estão desenvolvendo suas habilidades narrativas, e com isso, o professor tem a oportunidade de conhecer peculiaridades de cada um, analisando e observando seus esforços e dedicação que demonstram ao externarem seus conceitos de escola e outros meios sociais.

Dessa forma, o ato de expor suas visões e conceitos de escola e de vida, ou seja, suas experiências, deve ser analisado com bastante cuidado pelos

professores, adotando novas perspectivas sobre a educação de crianças e sua alteridade.

Este olhar mais minucioso, de acordo com o estudo realizado, irá contribuir positivamente no planejamento e elaboração de propostas educativas que tem a criança como foco principal, considerando todas as suas particularidades e conceitos subjetivados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro / **A criança e o brincar nos tempos e espaços da escola** / Luciane Maria Schlindwein, Ilana Laterman, Leila Peters (Organizadoras) - Florianópolis NUP, 2017, 236 p.

BONDIA, Jorge Larrosa / **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha - Tradução de João Wanderley Geraldi Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística – 2002.

BONDIOLI, Anna / **A criança e o brincar nos tempos e espaços da escola** / Luciane Maria Schlindwein, Ilana Laterman, Leila Peters (Organizadoras) Florianópolis: NUP, 2017, 236 p.

CAMASMIE, A T (2007). **Narrativa de histórias pessoais: um caminho de compreensão de si mesmo a luz do pensamento de Hannah Arendt**. São Paulo: Programa de Pós graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica. (Dissertação de mestrado).

CURY. Augusto, 1958- **A fascinante construção do Eu** / Augusto Cury - São Paulo Planeta, 2011.

Entrevista com Philippe Lejeune, concedida a Jovita Maria Gerheim Noronha. Ipotesi, revista de estudos literários. Juiz de Fora, v 6, n. 2, 2002, p. 21-30 Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/12/Entrevista-com1.pdf>.

FREIRE, Paulo - **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido/ Paulo Freire. Notas: Ana Maria Araújo Freire, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIDDENS, Anthony, 1938- G385m **Modernidade e identidade**/ Anthony Giddens, tradução, Plínio Dentzien. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002 GIL,

Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões / SOUZA, Renata Junqueira de / DAVIS, C. Lynn / Desafios contemporâneos da educação organização Célia Maria David [et al]. - 1. ed - São Paulo. Cultura Acadêmica, 2015.

GODOY Arilda Schmidt-PESQUISA QUALITATIVA/TIPOS FUNDAMENTAIS - Revista de Administração de Empresas, Mal. /jun. 1995.

<http://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2016/10/desenhos-ajudam-pais-descobrir-que-filha-era-abusada-por-pastor.html>

KURRIE, Karen, **Ensinando o pensar em alfabetização** / Karen Kurrie – Porto Alegre: Kuarup, 1998.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte. Autêntica, 2010.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Trad. Jovita Maria Gerhein Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte Editora UFMG, 2008.

LOPES, Rita de Cássia Soares, 2009- **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem** / Especialista em Alfabetização. Pedagoga da Rede Pública Estadual.

MACEDO, Lídia, SPERB, Tania Mara, 2007 - **O desenvolvimento da habilidade da criança para narrar experiências pessoais**: uma revisão da literatura / Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Estudos de Psicologia 2007.

MARINHO, Heloisa Vida, educação, leitura: **método natural de alfabetização**. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1976.

MATTA, Isabel, 2004- **Aprender vivendo**: As experiências de vida no desenvolvimento e na aprendizagem / Análise Psicológica (2004).

MOURA, Katia Maria Santos - **Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto)biografias como espaços de formação/investigação** / Dislane Zerbinatti Moraes, Rosário Silvana Genta Lugli (orgs.) São Paulo Cultura Acadêmica, 2010.

OLIVEIRA, Juliana Ribeiro - **O Prazer de Aprender brincando** - Niterói / 2011- Universidade Cândido Mendes.

OLIVEIRA, M.H.P 20 (2009) **A representação de si mesmo em narrativas autobiográficas de escritores brasileiros.**

PASSEGGI, M" da Conceição, NASCIMENTO, Gilcilene & SILVA, Vanessa. **Narrativas da Infância: a escola no mundo urbano e no mundo rural. Educação e Linguagem.** 19 (2), 147-156 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição / NASCIMENTO, Gilcilene Lélis Souza do / OLIVEIRA, Roberta Ceres Antunes Medeiros de / RODRIGUES, Senadaht Barbosa Baracho / SILVA. Vanessa Cristina Oliveira. **Narrativas autobiográficas com crianças na pesquisa qualitativa em educação: reflexões sobre procedimentos de análise** / 2017.

PASSEGGI Maria da Conceição/ **Pesquisa auto (biográfica) em educação infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares/** organizadores Maria da Conceição Passeggi... [et al.] - Natal, RN: EDUFRN, 2018 730 p PDF, 7,72 mb.

PASSEGGI, Maria da Conceição, SILVA, Vivian Batista da (orgs.) **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação** / São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 232 p. (Série Artes de Viver, conhecer e formar).

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO. (RCNEI)

Introdução. VOLUME 1. MEC/SEF, 1988 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. em:

RODRIGUEZ, Fernández, Concepción, **Aprender a estudar - como superar as dificuldades nos estudos** / Concepción Fernández Rodriguez- São Paulo: Scipione, 2000.

SAMPAIO, Carmen Sanches - **Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto)biografias como espaços de formação/investigação** / Dislane Zerbinatti Moraes, Rosano Silvana Genta Lugli (orgs.) São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SAMPAIO, Simaia, Dificuldades de aprendizagem: **A psicopedagogia na relação sujeito, família e escola** / Simaia Sampaio. 3. Ed Rio de Janeiro: Wak Ed, 2011.

SARMENTO, Teresa / Pesquisa auto (biográfica) em educação [recurso eletrônico]: infâncias e adolescências em espaços escolares e não- escolares/ organizadores Maria da Conceição Passegi... [et al.] - Natal, RN: EDUFRN, 2018. 730 p.

SAVIO, Donatella / **A criança e o brincar nos tempos e espaços da escola** / Luciane Mana Schlindwein, Ilana Laterman. Leila Peters (Organizadoras). Florianópolis NUP. 2017, 236 p.

TASSONI E C. M. **Afetividade e aprendizagem: A relação professor-aluno.** In: Psicologia, análise e crítica da prática educacional Campinas ANPED. 2000.

VASCONCELOS, Sandra Maia, 2016 - **A criança e suas narrativas: a (auto) biografia no espelho** / Universidade Federal do Ceará - Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 01, n. 03, p. 584-602, set./dez. 2016.

VICENTINI, Paula Perin / ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.).
Sentidos, potencialidades e usos da (auto)biografia - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch - **Imaginação e Criatividade na Infância**.
Ensaio de Psicologia. Tradução João Pedro Fróis 2012.

APÊNDICE

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Questões:

1) O que é a escola?

2) O que a gente faz na escola?

3) Para que serve a escola?

4) Você gosta da professora?

5) Você gosta de estudar?
